

APRESENTAÇÃO ONLINE - II - PSICOLOGIA E QUESTÕES SOCIAIS

**INTERDIÇÃO DO RECONHECIMENTO E A CAPOEIRA COMO DISPOSITIVO
DE RE-EXISTÊNCIA DECOLONIAL**

Gabriel (gabriel.rossi.valentim@gmail.com)

O presente trabalho parte de pesquisa de mestrado em andamento, a qual propõe uma investigação de caráter fenomenológico-crítico acerca da capoeira, articulando-a como práxis de resistência e formulação de subjetividades no contexto colonial brasileiro. O estudo parte da experiência do sujeito racializado a partir do diagnóstico da zona do não-ser, caracterizada como um espaço de interdição ontológica onde o reconhecimento mútuo é substituído pela coisificação e pelo estilhaçamento da imagem corporal. O objetivo da pesquisa é analisar como a prática da capoeira atua na subversão das estruturas de desumanização impostas pela colonialidade, operando como possibilidade de reorientação do ser-no-mundo. Como recorte para a presente ocasião, darei enfoque ao desenvolvimento das reflexões teóricas, sob o argumento que o racismo opera como uma síntese passiva que pré-orienta o corpo, resultando no que a literatura fenomenológica descreve como motilidade impedida ou frustrada e um persistente sentimento de não-em-casa. Esse constrangimento existencial aliena a intencionalidade operativa, fixando o indivíduo em uma exterioridade objetificante. Frente a essa paralisia ontológica, utilizarei os

conceitos de ginga e malícia para fundamentar que a capoeira emerge como uma práxis de reumanização através da corporeidade, para instaurar um micromundo de proteção e reconhecimento mútuo. Através da ginga, compreendida como uma intencionalidade operativa insurgente, e da malícia, lida como uma pragmática do poder e estratégia de opacidade necessária para preservar a soberania diante do olhar colonial, a prática promove a reciprocidade do reconhecimento para permitir que o sujeito habilite o nada existencialista como solo para a invenção de si. A pesquisa fundamenta-se no ethos de uma investigação enterreirada, que rejeita categoricamente o extrativismo epistêmico e valoriza o saber gestado na convivência e na territorialidade. O território é aqui tratado como o solo da experiência e lugar da ancestralidade, onde a memória se torna presença viva e a produção de conhecimento se faz indissociável da inscrição corporal e rítmica. Ao final, defendo que a capoeira ocupa uma dimensão ética de reumanização ao integrar a inteligência sensível do corpo e saberes territorializados para afirmar que ela constitui uma práxis de descolonização que transforma a interdição em insurgência ontológica e potência de agir, reafirmando a re-existência ativa do ser.

Palavras-chave: decolonialidade; corporeidade; capoeira; resistência.